OS IMPASSES DE UMA ESCRITA

Maria Juliana Gambogi Teixeira*

RESUMO:

Este texto tem o propósito de, introduzindo as obras L'Amour e La Femme de Jules Michelet, compreender como o afeto amoroso irrompe nos textos desse autor de modo a, constituindo-se como impasses lógicos para seu projeto pedagógico, tornarem-se espaços para construções poéticas.

PALAVRAS-CHAVE: amor, mulher, moral, escrita, Jules Michelet.

Assim começava a história de dois livros e de seu autor. Quando, em dezessete de novembro de 1858, a Maison Hachette colocou à venda o último livro de Jules Michelet, o rebuliço foi tamanho que acabou inspirando um observador de talento a produzir a seguinte nota:

É preciso ver que belo desfile acontece na Maison Hachette há quinze dias. É O Amor que está em questão. O Sr. Michelet deu aí uma bela cartada. As damas se apressam em ir à livraria; é uma verdadeira procissão.

- 0 que deseja, Madame?
- 0 Amor, senhor.
- E a senhora?
- 0 Amor.
- A senhora?
- O Amor do Sr. Michelet.1

Esse diálogo imaginário, cuja autoria se perdeu no tempo, pode ser lido como um prelúdio para algumas imagens entranhadas na composição desse livro, como se as vozes femininas que abordaram o livreiro — querendo *O Amor* de Jules Michelet — dissessem, cada qual a seu modo, da demanda que teria cercado a feitura dessa obra.

Se assim for, a primeira resposta — "O Amor, senhor" — viria anunciar que era chegado o tempo de conhecer esse afeto por escrito. Dizendo que quer ler $\mathcal O$ Amor, aquela senhorita se reunia a outras (e outros) que recorreram às prateleiras

^{*} Mestre em Teoria da Literatura, 1998.

EM TESE Belo Horizonte, V. 3, p. 1 – 104, Dez. 1999

dos livreiros, famintos de explicação sobre um tema que a vaga romântica tinha elevado à protagonista de suas narrativas. Homens e mulheres do século dezenove pareciam tão ou mais excitados pelo amor em palavras do que pela experimentação e concretização desse afeto em suas vidas. Essa, ao menos, foi a leitura de Jules Michelet. Até então um historiador de renome e também autor de umas poucas obras sobre História Natural, achou por bem responder à tal demanda costurando a vacância entre o amor escrito e o amor vivido através de um livro. Resposta menos paradoxal do que parece à primeira vista: *L'Amour* pretendeu ser uma obra sobre e para a arte de amar, pragmaticamente erigida sob o tom do aconselhamento e de proposições morais. Mas parece não ter sido suficiente para calar o pedido da segunda *demoiselle* que, entrando em cena, insiste, laconicamente, no amor.

Ele pareceu tê-la escutado. Tanto que, um ano depois, lançou *La Femme*, uma espécie de volume dois de *L'Amour*, onde retomava e complementava seus argumentos iniciais. Teimou, também, em manter o mesmo panorama afetivo descrito na obra anterior: "O lar é frio, a mesa é muda e a cama é gelada" (Michelet, 1985: 339). Apesar disso e desviando-se do foco amoroso, Michelet percebia sua época como um tempo fecundo em avanços científicos e ávido por progressos tecnológicos, habitado por homens que pareciam capazes de transformar o mundo, mas que, estranhamente, não alcançavam transformar o romance em fato doméstico.

Fazendo parte dessa época, Michelet apoderou-se, então, do discurso da ciência biológica — considerado um dos mais pertinentes de então — como força para reagir contra tal fracasso afetivo e subsidiar sua moral. Ao estilo impositivo do pedagogo vêm somar-se as provas empíricas dos cientistas, de modo que a arte de amar encontra subsídios na compreensão não tanto do fenômeno amoroso, mas do objeto para o qual se volta. Pois, saber sobre o amor, para Michelet, é saber sobre a mulher, assim como, ao escrever *L'Amour*, ele trouxe à cena *La Femme*.

Nos dois textos, claramente complementares, esse autor trabalha o estilo pedagógico como paralelo e decorrente das descobertas científicas sobre seu tema. Anatomista amador, acompanhando de perto seus progressos, acreditou estar diante da razão do desejo e da resposta adequada àquela jovem que pede ao livreiro, simplesmente, "O Amor". Os livros que vieram defender a legitimidade de sua demanda retiram do

corpo feminino seu ponto de sustentação:

O objeto do amor, a mulher, em seu mistério essencial, tanto tempo ignorado, desprezado, foi revelado por uma série de descobertas, de 1827 a 1847. A variação legítima da mulher foi conhecida. E, não menos, sua fixidez. (...) A mulher é o que ela sempre foi. Tal como a ciência recente nos explica, atingida pela ferida de amor que sangra sempre, enfraquecida pelo sofrimento, feliz em poder se apoiar, assim ela era, assim ela permanece ainda. (Michelet, 1985: 48)

Descobrindo o útero como ponto de distinção física, mental e sentimental entre os sexos, Michelet tomará seu principal elemento para descobrir a mulher. O sangue, matéria desse órgão, torna-se, então, signo do sexo feminino, fonte e limite de seu ser. Se não é quieto, mas regurgita periodicamente, seguindo o curso lunar, assim é quem o tem. A mulher que Michelet descobria não é nem idêntica a seu par, nem igual ao reino natural, mas um corpo condenado, desde o nascimento, a sangrar continuamente. Sangrar e sofrer, pois o útero da mulher funciona como uma ferida, para sempre aberta, continuamente irritada, para a qual não há cura. O que há, segundo Michelet, são modos de responder a essa hemorragia que governa e condena o corpo e o espírito femininos a uma condição doentia.

Como fêmea do homem e doente de nascença, a única resposta legítima e não criminosa ao estado feminino seria o amor, calmante para suas dores e antídoto contra a morte que se esgueira à espreita dessa ferida. O argumento principal dessas obras pedagógicas busca escorar-se num equilíbrio possível que marcasse um encontro amoroso entre homem e mulher. Mas tal equilíbrio é precário, pois nasce com a atenção concentrada na fragilidade feminina. Fragilidade tamanha que esse autor não se furta a preencher suas obras com minúcias de cuidados, proibições, deveres e limites na educação da verdadeira mulher. A mulher de Michelet não se confunde jamais com todas as mulheres, pois todas as mulheres não são a mulher. O singular é imperativo tanto quanto o sangue menstrual: a princípio comum a todas, toma, em cada uma, seu curso particular. Mulheres hemorrágicas, mulheres secas, mulheres irregulares não pertenceriam, então, ao campo semântico do feminino. A mulher, singular entre todas, é somente aquela que, educada e moldada por um homem amoroso, torna-se a sua mulher.

EM TESE

Belo Horizonte, V. 3, p. 1 - 104, Dez. 1999

Vetando a esse sexo qualquer outra felicidade que não a devoção a um homem, Michelet conseguiu chamar para si a ira de ambos os sexos. A fragilidade feminina verte-se em impotência e o homem torna-se um salvador, uma espécie de herói que resgataria a mulher de sua própria natureza condenada. Para essa enorme tarefa, dois livros, cujo conteúdo ensina, passo a passo, porquê e como fazer essa mulher.

Mas, mesmo diante de tais argumentos, algumas mulheres insistiram em pedir o amor. "O Amor do Sr. Michelet" — diria a última delas, talvez indicando algo além da precisão de um livro e de um autor, como se desconfiasse de que os pressupostos científicos e conselhos morais não seriam suficientes para abarcar um título tão simplesmente amoroso.

Se foi essa a razão de a senhorita continuar pedindo um livro que, em seus pressupostos, a condenaria ao papel de escrava do lar, numa leitura atenta, ela poderia descobrir, entre o pedagogo e o médico, um escritor cujo traço era borrar seus enunciados e confundir suas afirmações, criando em seu texto uma tal confusão de vozes a ponto de torná-lo instável e ambíguo. Foi isso, ao menos, o que percebeu um crítico contemporâneo de Michelet:

Falta unidade ao tom geral do livro; dir-se-ia que três pessoas bastante diferentes tomam alternadamente a palavra: um poeta, um diretor de consciência e um médico. (...) Ele é lírico demais para ser científico e científico demais para ser um livro poético (...) Causa uma sensação desagradável passar, sem transição, de uma estrofe do *Cântico dos Cânticos* a uma teoria do Sr. Coste e de um soneto de Petrarca a uma prancha de anatomia.²

Entre as mãos daquela leitora estaria, então, um amontoado de fragmentos que, a cada instante, estragaria o princípio de coesão e de sucessividade da leitura. Longe de Michelet pretender lançar, com *L'Amour* e *La Femme*, os princípios para uma nova literatura, pois nem mesmo quis ocupar o lugar de um literato. Mas desde o momento em que se preparava para tratar da mulher e do amor, é certo que ele anteviu no campo da linguagem seu principal desafio. A descoberta da mulher significou, portanto, a necessidade de descobrir um outro registro lingüístico, diferente de tudo o que se tinha produzido.

Ousar uma nova língua; não a da inocência bárbara que tudo dizia sem se enrubescer, sem sentir as profundezas, não a da orgulhosa Antigüidade que usava e abusava, desprezava a humanidade, - mas a da delicadeza moderna que, nas coisas do corpo, sente e ama a alma ou, muito mais, nem alma nem corpo, mas em tudo sente o espírito: a língua de um Rabelais sério e apaixonado. (Michelet, 1962: 334)

Se retoma Rabelais, insiste na seriedade e na paixão. Michelet não vai além a fim de explicitar essa escolha literária. Entretanto, o resultado de sua ousadia linguageira é um texto em arabesco, tortuoso em seus princípios, inflacionado de palavras, como se buscasse outorgar, através desse cânon, uma origem estilística para sua escrita. O certo é que a concisão e a clareza, tão prestimosos à função pedagógica dessas obras e a seu arcabouço científico, não estão entre seus méritos. Suas frases turvam a limpidez da leitura: ora claras, ora obscuras, ora frias e metódicas, em outras inflamadas demais. O descontrole de seu texto, contaminando seus argumentos lógicos, instala uma espécie de hemorragia escrita que parece borrar o discurso da descoberta feminina com a matéria de que é feita a mulher: "Eu receberia de sua mão o banquete da inspiração (o sangue, o cânhamo e a esteira), a vida, a embriaguez e o esquecimento" (Michelet, 1985: 458).

O banquete da inspiração se faz com matéria cuja origem, ação e serventia conservam estados do corpo físico. Sendo a vida, a embriaguez e o esquecimento os dons femininos que se oferecem ao homem, Michelet os tomou com avidez e tornou seu texto reflexo mimético desses estados. A nova língua, então, pode ousar-se.

Língua delirante, também sabia Michelet, pois devia se dobrar ao dizer sobre a mulher e sobre seus desejos. Mas ao buscar dizê-los (querendo educá-los), ele se viu diante de alguns impasses. Um primeiro seria verbalizar a mensagem do sangue, do ser feminino, sabendo que esse sangue é a primeira, mas não última das mensagens de seu corpo. Simbolizar o movimento de um órgão que conduz e controla um corpo outro ao do homem foi seu primeiro enigma. O útero espreme as costelas, muda a ordem anatômica do tronco, arredonda a bacia e regurgita na boca da mulher:

> Essas diferenças interiores traduzem-se de fora por uma outra mais surpreendente. A mulher tem uma linguagem à parte. Os insetos e os peixes permanecem mudos. O pássaro canta. Ele queria articular. O homem tem a língua distinta, a palavra limpa e luminosa, a claridade do

> verbo. Mas a mulher, acima do verbo do homem e do canto do pássaro, tem uma língua mágica com a qual ela entrecorta esse verbo ou esse canto: o suspiro,

o sopro apaixonado.

Belo Horizonte, V. 3, p. 1 - 104, Dez. 1999

Incalculável potência. Basta que ela se faça sentir e o coração se emociona. Seu seio sobe, desce, sobe de novo, ela não pode falar e nós estaremos convencidos de início, dispostos a tudo o que ela quiser. Qual sermão de homem agirá como o silêncio da mulher? (Michelet, 1985: 62)

Silêncio eloquente; paralisando a língua, ele revela a mulher na contração e expansão de um tórax, calando mesmo o sermão que o próprio Michelet quis sustentar. A presença e a potência dessa outra língua, dado de partida para o autor, pode ser uma pista de que a moral biológica que ele revelava não seria o único dos ingredientes de seu banquete.

A inspiração - coisa de mulher, pensava Michelet - é um outro impasse. Tanto quanto o é seu sangue. Tendo seu assento cativo no útero, ele avizinha-se com outra das diferenças femininas, a faculdade de criação, a geração humana. Se descobrir a mulher é despi-la de seus véus e encontrá-la como uma estrangeira, descobri-la é ainda reencontrá-la como semelhante, quando o homem tem em vista o dom de criar. Pois essa faculdade pertenceria, por natureza, à mulher. A fecundidade feminina é, portanto, a versão original e naturalizada da capacidade criativa humana, frente à qual a criação masculina seria apenas sua versão metonímica, deslocada. Observando-a, descobrindo-a, descobre-se também uma via outra para o seu entendimento. Porque essa faculdade das mulheres não se realizaria, apenas, através da perpetuação da espécie. O banquete feminino é mais generoso, é "banquete da inspiração", "intuição divina", capacidade de conhecer o mundo de modo totalmente diverso do homem. Segundo esse historiador, dentre as diferenças que opõem os sexos, seria forçoso observar que, assim como o homem - segundo seu registro na História - mostra-se dotado de uma ativa capacidade de criação, a mulher, por seu turno, é prenhe de intuição, de inspiração. Movimento espontâneo, natural de seu corpo, estaria vetado, por origem, a dar-se a conhecer pelo homem, como se fosse outra das estranhezas próprias ao ser feminino.

> A inspiração, eu bem sei, mesmo a mais espontânea, não é inteiramente livre; é sempre mista e marcada por um pouco de fatalidade. Se, por isso, nós a degradamos, será preciso dizer que os artistas eminentes não são homens. Será necessário colocar do lado das mulheres Rembrandt, Mozart e Corregio, Beethoven, Dante, Shakespeare, todos os grandes escritores. Será realmente verdade que todos aqueles que acreditam apoiar-se exclusivamente na lógica nada concedam a essa potência feminina da inspiração? Encontro seu vestígio

até nos mais determinados argumentadores. Desde que sejam artistas, caem, sem o saber, sob a varinha dessa fada. (Michelet, 1985: 536)

Assim o amor: quando é laço que resgata a mulher da morte que seu corpo prenuncia, também é caminho que abre ao homem o dom da criação. Soprando em seus ouvidos, a mulher que a escrita desse autor quer descobrir impõe, portanto, suas próprias regras. Deixando descobrir seu corpo, ela exibe seus impasses, não podendo ou não querendo revelar todos os seus segredos, tornando-se, assim, uma espécie de perversão da ótica científica ou do método racional de abordagem de um objeto de estudo. Apesar disso, o alucinógeno que droga a visão de Michelet é justamente o que ele pede e quer: a mulher e o amor da mulher. "Esse é um dos jogos soberanos do mestre onipotente, o Amor: o de transfigurar todas as coisas, em especial de mudar, desmentir, transportar os sentidos" (Michelet, 1985: 134).

Transfigurando o que vê, esse afeto muda as regras que a pedagogia deveria impor para o equilíbrio amoroso, instituindo as medidas femininas como medida para os postulados desse autor. De novo, impasse: querendo revelar o desejo da mulher, ele descobre o seu amor e parece adotá-lo como ponto de vista correto para dizer sobre ela.

Madame, a senhora que sabe bem medir a felicidade na sua dose justa, escute esta história:

A mãe pergunta à criança quanto de geléia ela quer... "Eu quero demais." - A criança já tinha escutado, muitas vezes, que, para além de uma certa medida, seria *demais*. E é justamente esse demais que ela queria.

Assim é o amor: o suficiente de nada lhe serve. (Michelet, 1985: 189)

Se é amor o que quer a mulher, é no demais que encontrar-se-ia seu limite, seu equilíbrio. Mas, querendo o demais, ela exige de quem a ama o mesmo excesso, estabelecendo, dessa maneira, a boa forma de amar.

E, assim, o esforço pedagógico de um homem a fim de descobrir e educar a mulher transforma-se, paradoxalmente, no reconhecimento das regras femininas como instância última para qualquer amor. Para quem quis estabelecer entre os sexos opostos uma relação de autoridade e dependência, Michelet acaba cedendo seu texto à ordem feminina. Querendo dizer sobre essa ordem, disse como ela. Buscando educála a seu gosto, termina sendo educado pela mulher.

EM TESE

Belo Horizonte, V. 3, p. 1 - 104, Dez. 1999

Assim sobe, e subirá sempre sem chegar. Ele [o amor] só quer o absoluto, sem fim, sem bordas, sem limite. De instinto profundo, ele se deseja a si mesmo como Amor eterno. Ele se percebe tal como clarões, sente-se Deus, mas se ofusca... A noite se fecha... O infinito apareceu, desapareceu...
"Ai de mim!" ele disse, "eu tinha tanta coisa para lhe dizer!" (Michelet, 1985: 229)

Era o que dizia o amor ao fim de *L'Amour*. Mas poderia ser ainda um lamento de Michelet. Lamento pelas palavras que o excesso de seu afeto guardava para a mulher. Porém, já era hora de terminar esse livro - ferido em seus princípios e em seus fins -, como ainda chegaria a hora de as damas se apressarem às livrarias: uma verdadeira procissão. E a cada voz, e em diversos tons, continuarem pedindo: "O Amor do senhor Michelet."

NOTAS:

- 1. Trecho de uma nota publicada no jornal La Gazette de Paris em 5 de dezembro de 1858 e reproduzido na introdução de Arimadavane Govindane à edição que utilizo de L'Amour, p. 31. Essa edição, feita pela Flammarion, traz as obras completas de Michelet, das quais utilizo, nesse texto, apenas o volume dezoito, que contém L'Amour e La Femme. O padrão utilizado pelos editores, além de contar com um texto introdutório sobre cada obra de Michelet, apresenta, ao fim de cada título, uma seleta de artigos publicados em jornais da época e tratando dos textos em destaque (dossier de presse). Utilizando essas introduções e esses artigos, lanço mão das "Notas" a fim de diferenciar as passagens que são de Michelet cuja referência está no corpo do texto daquelas de outros autores, mas que estão reunidas em suas obras completas. No que concerne às traduções, são todas de minha inteira responsabilidade.
- 2. Artigo de Émile Montégut, reproduzido nas obras completas (p. 321) e publicado originalmente na *Revue des deux mondes*, em 15 de dezembro de 1858.

ABSTRACT:

Introducing the works L'Amour and La Femme by Jules Michelet, this text aims at understanding how love appears in that author's text, in a way that it opens up room for the poetic constructions.

KEY WORDS: love, woman, moral, writing, Jules Michelet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Michelet. Journal. Paris: Gallimard, 1962. Tome 2 (1849-1860).

____. *Oeuvres complètes*. Paris: Flammarion, 1985. Tome 18 (1858-1860).